



A percepção do tempo em Agostinho, Śaṅkarācārya e Caetano Veloso

The perception of time in Augustine, Śaṅkarācārya and Caetano Veloso

Isabela Pinho¹

Resumo: O seguinte trabalho propõe uma análise comparativa entre três abordagens distintas sobre o tempo: a teológica de Agostinho, a metafísica de Śaṅkarācārya no contexto do *Advaita Vedānta*, e a poética contemporânea de Caetano Veloso em *Oração ao tempo*. Agostinho percebe o tempo como uma construção subjetiva, articulada por ambas: memória e expectativa, sendo o presente o único instante real. Para ele, o tempo revela-se como um enigma psicológico e teológico, intimamente relacionado à criação divina. Já Śaṅkarācārya, dentro do *Advaita Vedānta*, percebe o tempo como ilusão (*māyā*), que obscurece a percepção do *Brahman*, a realidade última. A libertação espiritual, nesse caso, se liga à superação dessa ilusão temporal, entendendo o tempo como manifestação do Uno e não como sucessão linear. Por fim, Caetano, que através da música ressignifica o tempo como criador e destruidor, contínuo e transitório. A letra musical propõe reflexões sobre a impermanência e a relação entre o tempo e sua relação com o ser. Ao unir filosofia, espiritualidade e arte, o trabalho busca destacar a complexidade do tempo como experiência comum e plural.

Palavras-chave: Tempo. Percepção. Impermanência. Filosofia.

Abstract: This paper presents a comparative analysis of three distinct approaches to time: Augustine's theological perspective, Śaṅkarācārya's metaphysical view within the Vedānta tradition, and Caetano Veloso's contemporary poetic expression in *Oração ao Tempo*. Augustine understands time as a subjective construct, shaped by both memory and expectation, with the present being the only truly real moment. For him, time emerges as a psychological and theological enigma, deeply connected to divine creation. Śaṅkarācārya, in turn, within the framework of Advaita Vedānta, sees time as *māyā*—an illusion that obscures the perception of *Brahman*, the ultimate reality. Spiritual liberation, in this context, lies in overcoming the illusion of temporality by recognizing time as a manifestation of the One, rather than a linear succession. Finally, Caetano Veloso, through his music, reinterprets time as both creator and destroyer, continuous and transient. The musical lyrics propose reflections on impermanence and the relationship between time and your relation with being. By interweaving philosophy, spirituality, and art, this work aims to highlight the complexity of time as a shared and multifaceted human experience.

Keywords: Time. Perception. Impermanence. Philosophy.

¹ Mestranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista Capes, licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: isa.pinho@estudante.ufjf.br

Introdução

A questão do tempo apresenta-se como um dos focos mais proeminentes da filosofia, sendo um tema que atravessa diversas correntes de pensamento ao longo da história. Enquanto conceito abstrato, o tempo pode ser interpretado sob diversas perspectivas, dependendo da abordagem adotada. No ocidente, por exemplo, filósofos como Agostinho o concebem de maneira linear, fortemente ligado à espiritualidade e à história humana. Já na filosofia oriental, em particular no *Vedānta de Śaṅkarācārya*, o tempo é frequentemente entendido de forma cíclica, integrado a uma visão de unidade absoluta, na qual passado, presente e futuro se fundem em uma experiência mais abrangente da realidade.

Neste artigo, preocupamo-nos em explorar duas concepções únicas e de grande relevância sobre o tempo, a saber: a de Agostinho em *Confissões* (especialmente no *Livro XI*) e a visão do tempo como reunião, proposta por Śaṅkarācārya e *Abhinavagupta* no contexto do *Vedānta*, em consonância com estudos recentes sobre a temática na tradição hindu (Loundo, 2023, p. 242). Ademais, embora as perspectivas apresentem diferenças em suas abordagens culturais e metafísicas, ambas oferecem reflexões profícuas sobre a experiência humana do tempo e sua relação com a vida, a existência e o divino.

Além das análises filosóficas de Agostinho e Śaṅkarācārya, este trabalho pretende oferecer uma reflexão sobre o tempo na música *Tempo* de Caetano Veloso. Embora seja uma composição contemporânea, ela evoca questões filosóficas recorrentes. O repetido verso *tempo, tempo, tempo, tempo...* sugere uma reflexão sobre a transitoriedade e inevitabilidade do tempo, ecoando indagações pré-socráticas (Santos, 1990, p. 4) como aquelas que outrora pronunciara Heráclito, que via o tempo como um fluxo constante, uma transformação incessante – algo como um rio no qual ninguém poderia mergulhar duas vezes. A repetição da palavra "tempo" na canção de Veloso reflete essa sensação de mudança contínua, ao mesmo tempo que indica uma relação dialética com o próprio tempo, quer-se dizer, uma luta por dominá-lo ou, por outro lado, uma aceitação de sua implacabilidade (Peixoto, 2021, p. 11).

A primeira parte desta análise se concentrará na obra *Confissões* de Agostinho, um texto que discute não só a trajetória espiritual do bispo de Hipona, mas também propõe uma reflexão sobre o tempo enquanto fenômeno psicológico e teológico. Para Agostinho, o tempo não é uma realidade objetiva e imutável, mas um construto da mente humana,

intrinsecamente ligada à memória e à expectativa. Portanto, a percepção do tempo depende da experiência e da interação entre homem e Deus (*conf. XI, 22, 28*). Por outro lado, a visão de Śaṅkarācārya sobre o tempo se distancia da abordagem linear ocidental. No sistema filosófico do *Advaita Vedānta*, o tempo é visto como uma ilusão da mente humana, que impede a percepção da verdadeira natureza da realidade. Para Śaṅkarācārya, portanto, o tempo não é uma sequência linear de momentos, mas uma construção ilusória, já que a realidade última — o *Brahman* — transcende tanto o tempo quanto o espaço, sendo imutável. O tempo, então, é compreendido como uma reunião de estados de consciência, onde o eterno e o efêmero coexistem e a libertação espiritual ocorre com a superação dessa ilusão temporal (Loundo, 2023, p. 242).

Ao comparar as abordagens sobre o tempo de Agostinho e Śaṅkarācārya, pretende-se entender como diferentes tradições filosóficas abordam esse fenômeno sucede na experiência humana. Em ambas as visões, o tempo não se configura apenas como uma medida objetiva de existência, mas como um campo de reflexão existencial que questiona nossa relação com o divino e a própria natureza da realidade. Através dessa comparação, o trabalho aspira destacar não só semelhanças, mas também diferenças entre essas concepções filosóficas, enriquecendo nossa compreensão sobre a percepção do tempo na jornada espiritual e filosófica do ser humano. Por fim, nosso trabalho buscará oferecer uma breve reflexão sobre como essa temática é abordada na arte contemporânea, como exemplificado na música de Caetano Veloso, contribuindo para o debate a respeito da relação entre arte e filosofia na contemporaneidade.

1. A concepção de tempo em Agostinho: uma construção subjetiva e teológica

Meu espírito arde no desejo de penetrar nesse intrincadíssimo mistério. Não impeças, Senhor meu Deus, Pai bondoso, eu te peço pelo amor de Cristo, não impeças ao meu desejo a compreensão desses fatos (*conf. XI, 22, 28*).

O que Agostinho elabora sobre o tempo? No *Livro XI das Confissões*, o tema do tempo é conceito chave para compreensão textual e também é destaque em grande parte do mesmo. Há, inclusive, uma confissão do desejo ardente do autor em penetrar os caminhos misteriosos e fascinantes das questões que envolvem o tempo, além de conter seu pedido direto à divindade, pedido esse que objetivava alcançar sua aspiração profunda em busca de conhecimento. Para Agostinho, o tempo e os conceitos que o permeiam se

encaixam na língua cotidiana, porém, de acordo com ele, são: “(...) palavras muito claras e muito comuns, mas ao mesmo tempo são muito obscuras, e sua descoberta parece novidade” (*conf. XI*, 22, 28).

A jornada agostiniana em sua busca pelo tempo começa por meio de conceituações. Nas suas considerações sobre o conceito de tempo, destaca-se que no cotidiano, todos têm uma noção do que ele é. No entanto, ao tentar explicá-lo, o entendimento sobre o conceito se dissipa, uma vez que o termo é amplamente utilizado na linguagem comum das pessoas, porém pouco se fala sobre o que ele realmente é. Algumas considerações foram feitas por Agostinho, como: i) se nada acontecesse, não haveria um passado anterior ao momento presente; ii) o futuro seria impossível, pois nada poderia vir a ocorrer; e iii) o presente não poderia acontecer se nada existisse (*conf. XI*, 22, 28). A partir destas pontuações e questionamentos de variadas ordens, o autor relaciona a existência ao tempo, propondo assim, um olhar que compreenda o tempo a partir da experiência humana (*conf. XI*, 13, 15), considerando-o como algo que está intimamente ligado à mente e à percepção. O passado e o futuro se tornam assim, realidades da mente, que existem no passado (memória) e no futuro (expectativa), e a única realidade é o presente, que é real, mas fugidio e instável. Essas afirmações são refletidas na distinção que o autor faz entre o tempo e a eternidade, que pode ser explicada da seguinte forma: o tempo é formado por momentos variados, sempre em movimento e passageiro, que não se prolongam. Por isso, o tempo é uma combinação entre passado, presente e futuro. Já a eternidade, que é imutável, não sofre passagem, sendo totalmente presente o tempo todo (*conf. XI*, 11, 13), portanto, por mais que se possa memorizar o que já passou e esperar o que ainda há de vir, o homem é finito, temporal, contrário ao que é eterno.

E, a respeito da eternidade, o que se encontraria no oposto do que é finito, passageiro, temporal e estendendo-se, assim, por toda a eternidade? Deus! Agostinho afirma que, antes de Deus fazer o todo, nada fazia. Ademais, questiona-se sobre o motivo pelo qual o tempo deveria ser colocado em outra categoria que não seja também parte deste todo? Quanto a isso, Agostinho argumenta da seguinte maneira:

De onde poderiam no vir e como poderiam transcorrer os inumeráveis séculos, se não os tivesse criado, tu que és o autor e criador de todos os séculos? Que tempo poderia existir, se não fosse estabelecido por ti? E como poderia esse tempo transcorrer, se nunca tivesse existido? Portanto, sendo tu o Criador de todos os tempos – se é que existiu algum

tempo antes da criação do céu e da terra – como se pode dizer que cessavas de agir? De fato, foste tu que criaste o próprio tempo, e ele não podia decorrer antes de o criares. Mas se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazias então? (*conf. XI, 13, 15*)

O trecho citado levanta questões filosóficas sobre a natureza do tempo e a relação deste com a criação divina. Agostinho, ao questionar a origem do tempo, sublinha a ideia de que o tempo, enquanto uma estrutura ordenadora da realidade, depende essencialmente de Deus para sua existência. Ele nos desafia a pensar sobre a impossibilidade do tempo existir sem a criação divina, algo que pode parecer paradoxal. O autor sugere que o próprio conceito de "antes" da criação não se aplica, uma vez que sem o tempo a noção de sequência e mudança perde seu sentido. Isso implica uma reflexão sobre a transcendência divina. Se Deus é o Criador de todas as coisas, Ele também é o Criador do tempo, estabelecendo-o e limitando-o, conforme Seu desígnio.

O questionamento agostiniano sobre o que Deus "fazia" antes da criação do mundo também toca em um ponto crucial na teologia agostiniana: a relação entre a eternidade de Deus e a temporalidade da criação. Deus, sendo eterno, não se encontra preso à temporalidade da criação, o que reflete uma noção de atemporalidade que não pode ser plenamente compreendida pela mente humana. Em sua argumentação, portanto, Agostinho nos provoca a reconsiderar nossas concepções limitadas de tempo e existência, ampliando a perspectiva para além de nossa experiência cotidiana, a fim de captar a imensidão do poder criador de Deus.

Além disso, essa passagem também nos leva a refletir sobre a questão da ação divina e sua continuidade. Como Agostinho sugere, se o tempo é um atributo criado por Deus, a ideia de "cessar de agir" perde relevância, uma vez que a ação divina não é restringida pelas limitações temporais (*conf. XI, 12, 14*). O questionamento de Agostinho, então, não é apenas uma especulação teológica, mas um convite a repensar nossa própria compreensão da causalidade e da existência, considerando uma ordem que vai além do que é acessível ao entendimento humano.

1.1 Passado, presente, futuro e a medida do tempo

Conforme analisa Gilson, em *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*, a noção agostiniana de tempo deve ser compreendida como criação e não apenas como algo

independente. De acordo com o autor, Agostinho percebia o tempo como criatura, pois foi criado juntamente com o mundo e por isso é inseparável da totalização da criação (Gilson, 2010, p. 358). Tal interpretação oferece-nos uma perspectiva pela qual o tempo seja observado fora do absoluto, mas relativo ao ser criado. Sendo assim, o tempo não é eterno, mas criado por Deus.

Levando em consideração o que foi dito até agora sobre aspectos conceituais agostinianos sobre o tempo, pode ser observado que: i) o homem vivencia sempre o presente; ii) ele existe no mundo como um ser temporal e iii) a compreensão humana sobre a temporalidade está conectada à subjetividade. Ademais, Agostinho acrescenta que,

(...) costumamos dizer que um tempo é longo e outro é breve, referindo-nos somente ao passado e ao futuro. Por exemplo, cem anos passados, cem anos a vir, é um tempo longo; enquanto dez dias passados ou dez dias a vir são tempos breves. Mas como se pode chamar de longo ou breve aquilo que não existe? O passado não existe mais, o futuro ainda não existe. Portanto, seria melhor dizermos em relação ao passado: foi longo; e do futuro: será longo. Meu Senhor, minha luz, será que nesta questão a tua verdade irá escarnecer do homem? Aquele tempo passado foi longo, quando era já passado ou quando ainda era presente? (*conf. XI*, 15, 18).

Na citação acima, é possível perceber a aflição subjacente às palavras. Agostinho argumenta, porém, sucumbe à dúvidas. A crítica aqui se volta à maneira como o ser humano atribui medidas como "longo" ou "breve" a entidades que, por definição, não possuem existência concreta: o passado e o futuro. Essa constatação parece desmontar não apenas a linguagem, mas a própria concepção intuitiva de tempo.

Passado, presente e futuro são relacionados à figura divina devido à criação. Como, para Agostinho, Deus criou tudo, o tempo não poderia ser externo à criação. Dessa forma, Deus não seria apenas seu criador, mas também seu senhorio, porém, o tempo, que seria o usufruir de horas humano, poderia ser medido pelo homem. Mas medido como? Para o autor, o tempo poderia ser medido pelos homens através de sua percepção. Pode-se medir o quanto longo o futuro pode ser, o quanto curto ou longo um passado foi e até mesmo sobre o presente, pode-se pensar que seja, dos tempos, o mais breve; se for considerado que o presente é um segundo, o segundo anterior será o passado e os seguintes serão todos futuros, porém, a questão filosófica que se constitui desses argumentos é que: como é possível ao homem medir coisas — passado e futuro — que

por não serem o presente, não existem? Ao questionar desta forma, o autor se posiciona como uma pessoa ingênuia diante da filosofia (*conf. XI, 17, 22*).

O passado é medido pela memória, o futuro é medido pela expectativa, e ambos são medidos pelo presente (*conf. XI, 18, 23*), uma vez que, ao narrar passado e futuro, faz-se isso estando no presente. Mesmo que o passado não exista como foi quando era presente, ele existe de certa forma, em memória, e ao medir o passar do tempo, quando o homem começa por investir em seu futuro e planejar atos futuros, esse também se torna presente e existente. Portanto, ao premeditar e estruturar o futuro, o homem coloca este tempo em seu presente, fazendo com que ele exista. O presente é, assim, o ponto de intersecção entre o que já passou e o que ainda está por vir, e o homem, ao pensar sobre o que foi vivido e que está presente em seus pensamentos e memórias, é capaz de trazer o passado para o seu agora e o futuro se torna uma extensão do presente, construída pelas intenções. Assim, o homem se torna capaz de transformar sua percepção e seu percurso.

2. O tempo no *Vedānta*: a ilusão temporal e a unificação com o eterno

A concepção do tempo (*kāla*), instituída pelas tradições filosóficas indianas do *Advaita Vedānta* de Śaṅkarācārya, é um conceito fundamental para se compreender as bases filosóficas que permeiam o conhecimento da tradição em questão, que será aqui abordada. A investigação sobre o tempo, no contexto do *Advaita Vedānta*, não se limita a uma mera reflexão discursiva, e sim em uma dimensão existencial, que objetiva relacionar a tríade: tempo (*kāla*), conhecimento (*jñāna*) e felicidade (*ānanda*). Logo, o estudo do tempo nas tradições filosóficas indianas, surge como uma ação terapêutica que visa iluminar aqueles que se encontram em estado de confusão cognitiva, ou até mesmo em ausência de discriminação (*aviveka*) sobre a realidade (Loundo, 2023, p. 242). A esta confusão, poder-se-á mencioná-la como causa primeira do sofrimento (*duḥkha*).

Nesse sentido, a ação terapêutica abordada no contexto do *Vedānta* - que busca dissipar a confusão cognitiva através de práticas que levam ao autoconhecimento - pode ser, também, compreendida à luz da análise de Pierre Hadot. Em seu texto sobre os exercícios espirituais na filosofia antiga, Hadot concentra-se em evidenciar como as práticas filosóficas ou “aprender a viver de modo filosófico” (Hadot, 1999, p. 102) não visavam apenas a construção teórica do viver, mas a transformação existencial do indivíduo. Esse processo se assemelha à função terapêutica abordada anteriormente.

Hadot expõe a visão platônica do viver filosófico que diferenciaria assim “aqueles que filosofam realmente” daqueles que “não filosofam realmente” (Hadot, 1999, p. 104), salientando que o pensamento teórico, por mais rico que seja, não é de fato significativo se não for levado à prática e, consequentemente, ao modo de se viver bem.

Para compreender a prática filosófica como uma forma de terapia da alma, é útil recorrer ao diálogo com Platão, no qual Hadot (1999) esclarece,

Nas últimas páginas de seu diálogo *Timeu*, Platão afirma que é necessário exercer a parte superior da alma, que é justamente o intelecto, de tal modo que ela se harmonize com o universo e assimile-se à divindade. Mas ele não dá detalhes sobre a maneira de praticar esses exercícios. É em outros diálogos que se podem encontrar especificações interessantes (Hadot, 1999, p. 104).

Ao mencionar uma necessidade que seria fundamental para Platão, mas que não é revelada totalmente no diálogo *Timeu*, Hadot rememora posteriormente algumas ações expostas pelo filósofo em outros diálogos, como o sono, que deve ser preparado e também não muito prolongado, para que através disso, o sono obtido seja o necessário para a manutenção da saúde, assim como o exercício para a morte que é feito principalmente da coragem daquele que tem sua vida cultivada sob as bases da filosofia (Hadot, 1999, p. 105), isso significa dizer que deve haver uma conciliação entre a vivência e o próprio filosofar, de forma que a existência daqueles que de fato passam suas vidas debruçados sob o modo de viver filosófico, obtenham ferramentas que possibilitem uma vida mais digna de ser vivida.

Desta forma, a reflexão sobre o tempo funciona como um caminho de cura, visando retomar a autenticidade da experiência humana, sendo assim, não apenas uma análise teórica, mas também prática, que busca ressignificar a temporalidade no cotidiano das pessoas. Sobre a ilusão perceptiva, Loundo (2023) destaca:

Se, de um lado, a percepção “positiva” da miragem e, mais especificamente, da água no asfalto é uma inverdade sobre o Real, de outro, sua condição de possibilidade, i.e., seu substrato de manifestação é inescapavelmente o próprio Real. Em outras palavras, só há experiência existencial da ilusão quando se está inteiramente mergulhado na Verdade. Recuperá-la, portanto, em meio à condição ilusória não requer deslocamentos objetivos, mas um processo de ressignificação subjetiva dessa mesma eventividade, i.e., um processo de resgate da autenticidade do locus. Dessa forma, a inquirição sobre a fundamentalidade do Tempo sugere uma dinâmica iniciática de ressignificação da experiência cotidiana do Tempo. A experiência cotidiana do Tempo, que veicula a existencialidade ao sofrimento

(*duḥkha*), está umbilicalmente associada à noção de Morte (*mṛtyu*) (Loundo, 2023, p. 242).

A citação supracitada, leva-nos em direção a uma reflexão que diz respeito à ilusão e à verdade. A analogia que o autor propõe sobre a miragem, em que a água que escorre pelo asfalto se apresenta como uma ilusão perceptiva, revela a relação íntima entre uma visão enganosa e a realidade última, pois mesmo que a miragem seja uma ilusão sobre a realidade, sua manifestação só é possível através desta mesma realidade, evidenciando assim, que mesmo que uma visão esteja distorcida da realidade, ela estará ligada a verdade. A compreensão destes pontos é essencial para que fique evidente a imersão na verdade, mesmo quando há percepções falsas; e, nesse sentido, a ilusão não é separada da realidade última (*Brahman*), mas sim um acontecimento temporário desta realidade. O autor Silva (2006) aborda que o tempo é percebido como restrição mental, ou medida imposta pela mente que, por meio de práticas como o mantra procura uma estabilização da consciência com propósito de uma vida mais saudável e consciente. De acordo com ele, se não existisse a estabilidade de consciência absoluta (*Brahman*), seria difícil a identificação entre o real (eterno) e o ilusório (mundo fenomênico), já que assim, tudo se confundiria (Silva, 2006, p. 6).

No *Viveka-Cūḍāmaṇi*, obra atribuída a Śaṅkarācārya, ele propõe um caminho de discernimento cujo objetivo é conduzir o buscador à realização de identidade com *Brahman*. Nesse percurso é destacado que a verdadeira natureza do ser transcende as categorias de tempo e espaço (Śaṅkarācārya, 2020, p. 254). A concepção descrita em seu livro propõe que a libertação não se baseia em uma mudança temporal, mas surge a partir da superação do tempo como ilusão e que o reconhecimento da eternidade e da consciência do ser emerge como o ápice da ação terapêutica que visa dissolver a ignorância e colocar a realidade à mostra.

Esta experiência da realidade na qual o homem se insere está veiculada ao sofrimento e a noção de morte, conforme Loundo (2023, p. 243) expõe, e pode ser associada às escolas hermenêuticas filosóficas da Não-dualidade, que de acordo com ele, acordam as palavras Tempo e Morte à (*kāla*), ao se desdobrar sob uma perspectiva subjetiva do Tempo no cotidiano. A ligação entre Tempo e sofrimento, revela a profundidade com a qual a visão indiana comprehende a experiência humana, sendo que os conceitos mencionados podem ser caracterizados por sua afinidade com o apego e

através desta dinâmica, o “meu” (*mama*), torna-se o causador de sofrimento pela espera da Morte, já que seria insuportável a ideia de fim, ou finitude de “minha” vida. Portanto, o “eu” (*aham*) caracterizado pela correspondência de uma sucessão de “meus” e associado à ilusão de infinitude, tem como fundamento de seu sofrimento o tempo como morte, que consiste numa interrupção de sua ilusória sucessão de perpetuação autocentrada. Dessa forma, o homem que é finito, porém se percebe infinito, infere na estruturação do *Tempo como morte*, fazendo com que o tempo se torne um espaço onde o “eu” luta incessantemente para se preservar como infinito, alimentando assim o ciclo de sofrimento que atravessa à existência humana.

2.1 Passado, presente, futuro e o fracasso do “meu”

O conceito de Tempo, estruturado na triangulação entre passado, presente e futuro, revela uma dinâmica intrinsecamente ligada ao fracasso do “meu”. Esse “meu”, enquanto uma construção ilusória e egoísta, tenta projetar-se para além da finitude, buscando a infinitude através da posse exclusiva do que considera ser “seu”. Essa tentativa de autoafirmação resulta em uma tensão: por um lado, o “eu” é irremediavelmente finito, limitado pelas experiências passadas que já não existem mais, e, por outro, busca desesperadamente sua perpetuação no futuro, na forma de expectativas. O “eu”, dessa forma, unir-se-á à ilusão de perpetuação dos “meus” através do infinito de forma mal sucedida, tendo em vista que é puramente finito e, desta forma, é engolido pelo fracasso. Sobre o fracasso, Loundo (2023) salienta que,

Nesse contexto, entes múltiplos e pretensamente independentes - os “eus” - estariam invariavelmente marcados por uma condição paradoxal e contraditória: eles constituir-se-iam, de um lado, em existencialidades irremediavelmente finitas; e possuiriam, de outro, uma disposição igualmente inarredável de projeção ao infinito. Nasceria daí a ordenação sucessória do Tempo na forma recorrente de degenerações e regenerações de apegos (*samsāra*), de passados, presentes e futuros constituídos, respectivamente, de fracassos progressos (os “meus” extintos), de fixações presentes (os “meus” vigentes) e de promessas futuras (os “meus” vindouros). O registro dessa temporalidade trágica manifesta-se, de um lado, na memória retrospectiva do que foi “meu” e, de outro, na imaginação prospectiva do que poderá ser “meu” (Loundo, 2023, p. 243).

O passado, então, se torna um fracasso, devido aos “meus” que já não existem mais, somente na memória, sempre na forma de uma hipótese como: “o que poderia ter

sido?”; o presente, por sua vez, é marcado pela tentativa constante de fixação dos “meus” que ainda existem na realidade, e finalmente, o futuro que se posiciona como um objeto distante, alimentando, assim, expectativas e frustrações, tendo em vista que possui infinitas possibilidades que se perpetuam na imaginação, como: o que pode ser “meu”, porém que são imobilizados pela finitude.

Assim, a sucessão de fracassos e promessas, se transformam em uma cíclica e contínua projeção de apegos, que se perpetuam em frustrações, causando desta forma, o sofrimento. A crença do “meu” separado do “outro” permite uma visão egoica e faz com que o homem possua uma projeção enganosa do Tempo e o impossibilita de ver a realidade tal qual ela é, i.e. um processo temporal interconectado e livre de amarras ou controle; caracterizando assim o fracasso do “meu” como a tentativa de solidificar o efêmero (Loundo, 2023, p. 243).

Na tradição de Śaṅkarācārya, o conceito de Uno se mostra como Consciência (*cit*) que reúne — Absoluto *Brahman* — sendo que “aparecer” ou “se mostrar” é algo natural do Absoluto, ou seja, ele sempre aparecerá. Para Śaṅkarācārya, o Uno é Consciência, que é a base para o surgimento dos fenômenos; e o tempo, que seria o próprio Absoluto não é algo externo à Realidade última, mas sim originário dela. Desta forma, o Tempo como reunião surge através de uma grande disponibilização do “aparecendo”, levando-se em consideração que é mais importante que apareça do que o conteúdo que manifesta (Loundo, 2023, p. 245), sendo designado por Śaṅkarācārya como: “Fazedor do tempo” (*kālakāra*), também pensado como o grande senhor do tempo, ou Deus, em uma via teológica. O tempo seria, assim, não uma limitação ou apenas um ciclo de sofrimentos ininterruptos, mas um processo contínuo de revelação do Uno.

3. A *Oração ao Tempo* de Caetano Veloso e as abordagens filosóficas de Śaṅkarācārya e Agostinho

A percepção do Tempo em diversas tradições filosóficas e culturais revela uma variedade de perspectivas que buscam compreender sua complexidade, principalmente como uma caracterização existencial. Śaṅkarācārya, Agostinho e até mesmo Caetano Veloso, em sua música *Oração ao Tempo*, abordam a temática de maneiras distintas, mas todas com a intenção de revelar sua natureza transcendental e paradoxal.

Para Śaṅkarācārya, o Tempo se desvela como uma manifestação intrínseca do Absoluto, ou *Brahman*, que se expressa através do aparecimento no mundo fenomênico. A Realidade última não é algo que externaliza o Tempo, mas sim, o próprio Tempo, que emerge como uma extensão da Consciência universal. Conceito este que vai além da percepção comum de um fluxo linear, já que o contorno cíclico ao qual ele se aprofunda institui passado, presente e futuro de forma circular e interconectada. O Tempo não é uma entidade que limita, mas uma condição de manifestação do próprio ser, onde os fenômenos surgem e desaparecem, mas o fundamento permanece inalterável e eterno. Assim, a experiência do tempo é intrínseca à própria essência do Absoluto, que se revela como contínuo e que sempre retorna ao Uno e o ignorância (*avidyā*), ou seja, o esquecimento do Absoluto, se torna necessário para que exista a possibilidade de se encontrar a verdade. Em outras palavras, o não saber que tudo é Brahman se transforma em condição para o reconhecimento e distinção entre o tempo e o eterno (Silva, 2006, p. 6).

Agostinho, por sua vez, ao refletir sobre o tempo em suas *Confissões*, propõe uma abordagem que se distancia de qualquer compreensão de um tempo eterno. Para ele, o tempo é um fenômeno que se torna aparente na alma humana, ligado à percepção e à memória. O autor observa que o passado e o futuro não existem em si mesmos, mas são construções mentais que o ser humano projeta a partir da sua consciência presente. O tempo, então, torna-se um campo de tensão entre o que já foi e o que virá, mas é no presente que ele se faz realmente vivo. A sua visão é marcada pela linearidade de eventos e interrogações sobre o presente, que se dissipam enquanto tentamos apreendê-lo, tornando a experiência do tempo uma busca constante e um paradoxo de não totalização, diferentemente de Śaṅkarācārya.

Já Caetano Veloso, em sua música *Oração ao Tempo*, capta poeticamente essa tensão entre a finitude e a transcendência do Tempo. A letra da música diz:

És um senhor tão bonito, Quanto a cara do meu filho, Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, Vou te fazer um pedido, Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, Compositor de destinos, Tambor de todos os ritmos, Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, Entrou num acordo contigo, Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, Por seres tão inventivo, E pareceres contínuo, Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, És um dos deuses mais lindos, Tempo, tempo, tempo, tempo, Que sejas ainda mais vivo, No som do meu estribilho, Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, Ouvi bem o que te digo, Tempo, tempo, tempo, tempo, Peço-te o prazer legítimo, E o movimento preciso (Veloso, 1979).

Colocando o Tempo como um agente que revela uma generosidade oculta, como um senhor capaz de realizar desejos. O músico, ao dizer: “*Peço-te o prazer legítimo, E o movimento preciso*”, expressa uma linearidade comum a Agostinho, remontando a característica teológica do “pedido” que Agostinho transcreve, relacionando o tempo à seu criador (*conf. XI, 19, 25*). Já na passagem da música: “*Por seres tão inventivo, E pareceres contínuo*”, a percepção do Tempo como circularidade de Śaṅkarācārya aparece, sendo que, para ele, a reunião de todos os tempos no Uno, através das manobras do “Fazedor do Tempo”, que unificam passado, presente e futuro. Caetano, como Agostinho e Śaṅkarācārya, reconhece que o Tempo não pode ser totalmente compreendido ou controlado. Na música, o Tempo aparece como algo que é simultaneamente parte da experiência humana e que transcende a compreensão imediata, assim como a consciência de Agostinho, e também como uma manifestação fundamental, como em Śaṅkarācārya.

Em ambos, a presença do Tempo é sentida de maneira única, mas existe uma constante: o Tempo não é apenas uma medida, mas uma força que se relaciona com a finitude e a transcendência. Para Śaṅkarācārya, há duas formas de se relacionar com o Tempo; i) uma é marcada por uma tentativa de perpetuação do ego, que é quando se experimenta o tempo como Morte, passado, presente e futuro e ii) quando esta relação é marcada por uma reflexão, uma dissipação da confusão cognitiva, i.e. o Tempo deixa de ser percebido como um sinônimo de Morte e passa a ser entendido como uma plataforma de reunião. Enquanto para Agostinho ele é um produto da alma e da memória. Caetano, por sua vez, nos oferece uma experiência estética e contemporânea do Tempo. Ao expor: “*E quando eu tiver saído, Para fora do teu círculo, Não serei, nem terás sido*”, ele toca algo que é comum às diferentes tradições filosóficas abordadas neste trabalho, o ponto que move o sofrimento que é gerado pela finitude em Śaṅkarācārya, a Morte. Essa passagem da música reflete a dissolução da identidade individual dentro do ciclo do Tempo, sugerindo que, ao nos afastarmos do “círculo” do Tempo, tanto o sujeito quanto o objeto de sua experiência deixam de existir como entidades separadas.

Em um nível filosófico, isso evoca a noção de que a identidade pessoal é efêmera, e o “eu” que se agarra à ideia de continuidade no Tempo é ilusório, como sugerido tanto por Śaṅkarācārya (Loundo, 2023, p. 245-246), quanto por Agostinho. Essa visão de Caetano não é apenas uma representação da Morte em seu sentido literal, mas também

pode ser interpretada como uma reflexão sobre a finitude existencial e a inevitabilidade do fim, que move as estruturas temporais do sofrimento. No contexto de Śaṅkarācārya, a morte não é vista como uma simples extinção, mas como parte de um fluxo contínuo de manifestações. De maneira semelhante, Agostinho, ao refletir sobre a finitude do ser humano, coloca o Tempo como uma categoria intimamente ligada à memória e ao esquecimento, e a Morte como uma marca de nossa limitação perante a eternidade divina. Em ambos os casos, o sofrimento surge da tensão entre o desejo de imortalidade e a inevitabilidade da finitude.

No final, as três abordagens convidam o leitor a refletir sobre o Tempo não como um conceito separado da existência, mas como algo que está intrinsecamente ligado ao ser e à experiência. O Tempo, seja na filosofia de Śaṅkarācārya, na visão de Agostinho ou na música de Caetano Veloso, aparece como uma força imutável e, ao mesmo tempo, dinâmica, que molda nossa percepção da realidade e nossa relação com a finitude.

Considerações finais

Dessa forma, a análise perante a percepção do tempo nas obras de Śaṅkarācārya, Agostinho e Caetano Veloso revela que, apesar de diferentes tradições, linguagens e abordagens, todos convergem para uma compreensão profunda do paradoxo de que o tempo pode ser simultaneamente manifestação e mistério, fluxo e permanência, presença e ausência. Seja como demonstração poética, extensão do Absoluto ou construção da alma, o tempo é inerente à experiência humana no mundo e é elemento essencial para a busca da realidade.

Nesse encontro entre filosofia, teologia e arte, fica à mostra que pensar o tempo é também pensar no ser humano e em todas os seus desdobramentos existenciais, seja através de textos, músicas ou da pluralidade de religiões. Assim, os autores convidam para uma reflexão não apenas do tempo como marcador da existência ou de linhas temporais e sim como um dos caminhos para a compreensão do Ser.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. *Confissões*. Trad: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

GILSON, Étienne. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. Trad: Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2010.

HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga?* Trad: Henrique Cláudio de Lima Vaz e Márcio Pugliesi. São Paulo: Loyola, 1999.

LOUNDO, Dilip. *Muito além do Infinito e do Instante: O Tempo como Reunião em Śaṅkarācārya e Abhinavagupta*. Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 7, n. 16, p. 241-250, jan. /jun., 2023.

PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. “*Tempo, tempo, tempo, tempo...*”: Reflexões sobre o tempo na filosofia pré-socrática. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 15, n. 29, p. 1-33, 2021.

SANTOS, Maria Carolina Alves dos. *A lição de Heráclito*. TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia da UNESP, v. 13, n. 13, p. 105–110, 1990. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12241>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ŚAṄKARĀCĀRYA. *Viveka-Chudamani*: a joia suprema do discernimento. Comentários de Murillo N. de Azevedo. 1. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 2020.

SILVA, Carlos H. do Carmo. *De kāla a kṣaṇa ou da recorrência à instantaneidade*: nota sobre a temporalidade no pensamento hindu. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 23, p. 131–178, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/1368>. Acesso em: 21 abr. 2025.

VELOSO, Caetano. Oração ao tempo. In: *Cinema transcendental* [gravação sonora]. Rio de Janeiro: Philips, 1979. 1 disco sonoro (LP).